

PLANO DE TRANSIÇÃO CLIMÁTICA

2025-2026



sovena

Feeding Futures

ÍNDICE

MENSAGEM DO CEO	3
1. ENQUADRAMENTO E RACIONAL ESTRATÉGICO DO PTC.....	3
3. GOVERNANÇA E MODELO DE GESTÃO CLIMÁTICA	6
4. INVENTÁRIO E PERFIL DE EMISSÕES DE GEE	9
5. ANÁLISE DE RISCOS E OPORTUNIDADES CLIMÁTICAS	12
6. METAS CLIMÁTICAS E TRAJETÓRIA.....	14
7. ROADMAP DE DESCARBONIZAÇÃO.....	17
8. DESAFIOS, DEPENDÊNCIAS, PRESSUPOSTOS E PRÓXIMOS PASSOS.....	26
ANEXOS TÉCNICOS.....	28

MENSAGEM DO CEO

— *Jorge de Melo, CEO*

As alterações climáticas são hoje um dos maiores desafios estruturais para o setor agroalimentar e para a forma como produzimos, transformamos e disponibilizamos alimentos à escala global. Na Sovena, encaramos esta realidade com sentido de responsabilidade, mas também com clareza estratégica: reforçar a resiliência do nosso negócio, proteger a competitividade das nossas operações e contribuir para uma cadeia de valor mais preparada para o futuro. É neste contexto que apresentamos o Plano de Transição Climática (PTC) da Sovena, como um instrumento de orientação para uma descarbonização progressiva do Grupo, assente em conhecimento técnico, investimento e execução.

Este plano reflete o caminho que a Sovena tem vindo a percorrer e a visão futura do Grupo. Nos últimos anos, temos envidado esforços para promover a eficiência energética das nossas operações, incorporado energia renovável nas nossas atividades, não perdendo o foco na modernização industrial e na melhoria contínua das práticas agrícolas, enquanto aprofundamos o trabalho com fornecedores e outros parceiros da cadeia de valor. Por outro lado, a evolução do nosso inventário de emissões de gases com efeito de estufa (GEE), o reforço da monitorização ESG, a ambição de alinhar as nossas metas de redução de emissões de GEE com a ciência climática e a formalização deste PTC, traduzem uma convicção clara: a transição climática deve estar integrada na estratégia e nas decisões do negócio, e não tratada como uma agenda paralela.

Sabemos que este é um percurso exigente e que dependerá da capacidade de mobilização das nossas equipas, do envolvimento com a cadeia de valor e da evolução das soluções tecnológicas e energéticas disponíveis. Mas sabemos também que a ambição climática, quando bem estruturada e executada, é compatível com criação de valor, inovação e crescimento sustentável. É com este compromisso que a Sovena avança, com ambição e determinação, para alimentar o futuro de forma cada vez mais responsável.

1. ENQUADRAMENTO E RACIONAL ESTRATÉGICO DO PTC

As alterações climáticas constituem um dos principais desafios estratégicos para o setor agroalimentar, afetando a disponibilidade, a qualidade e o custo das matérias-primas, a estabilidade das cadeias de abastecimento, o acesso a recursos naturais e a eficiência operacional. Para um grupo como a Sovena, com atividade agrícola e industrial, presença internacional e forte exposição à cadeia de valor, este contexto exige uma abordagem climática estruturada, progressiva e integrada na gestão do negócio.

É neste enquadramento que surge o Plano de Transição Climática (PTC) da Sovena. O documento foi desenvolvido para consolidar e tornar transparente a forma como o Grupo pretende responder aos desafios e oportunidades da transição climática, articulando ambição, governança, metas, medidas de descarbonização e prioridades de implementação. Mais do que um exercício de reporte, o PTC constitui um instrumento de orientação estratégica e operacional, apoiando a integração do tema climático nas decisões de investimento, na gestão das operações, na relação com partes interessadas e no reforço da resiliência do modelo de negócio.

O racional estratégico deste plano decorre das características da própria Sovena. O Grupo opera maioritariamente nos setores do azeite e dos óleos vegetais, cobrindo diferentes etapas da cadeia de valor, desde a produção agrícola e o *sourcing* até à transformação e comercialização. Esta realidade, aliada à relevância da componente agrícola, energética e logística no seu perfil emissor, torna particularmente importante uma abordagem climática capaz de responder simultaneamente a riscos físicos, riscos de transição e exigências crescentes de clientes, investidores, reguladores e outros *stakeholders*.

O PTC articula-se diretamente com a estratégia '[Feeding Futures for a planet that prospers and for people that thrive](#)', em particular com os seus compromissos em matérias de eficiência, circularidade, cadeia de valor responsável, transição energética e inovação. Ao mesmo tempo, foi concebido tendo como referência principal o ESRS E1 – Alterações Climáticas, mantendo coerência com outros referenciais internacionais relevantes, nomeadamente o GHG Protocol, a SBTi, a TCFD e a IFRS S2. O PTC articula-se ainda com outros instrumentos de reporte e enquadramento regulatório relevantes para a Sovena, incluindo o reporte de Taxonomia da União Europeia, e deve ser lido em articulação com outras peças de referência do Grupo em matérias climáticas e de sustentabilidade, nomeadamente o Relatório de Sustentabilidade, as políticas e normativos internos aplicáveis e a informação institucional disponibilizada pela Sovena.

Em termos práticos, o presente plano enquadra a relevância estratégica do clima para a Sovena, consolida a informação de base sobre o perfil carbônico do Grupo, estrutura os principais riscos e oportunidades climáticas, apresenta a ambição e a trajetória de redução de emissões de GEE e organiza o *roadmap* de descarbonização e os fatores críticos para a sua implementação. Neste sentido, deve ser lido como um documento dinâmico, sujeito a atualização à medida que evoluam os dados, os processos internos, o contexto regulatório e as soluções disponíveis. Ao sistematizar prioridades, metas e medidas, o PTC reforça a capacidade do Grupo para responder de forma estruturada aos desafios da transição climática, promover a resiliência do seu negócio e contribuir para uma cadeia de valor alimentar mais eficiente, responsável e preparada para o futuro.

2. O CAMINHO DA SOVENA NA TRANSIÇÃO CLIMÁTICA

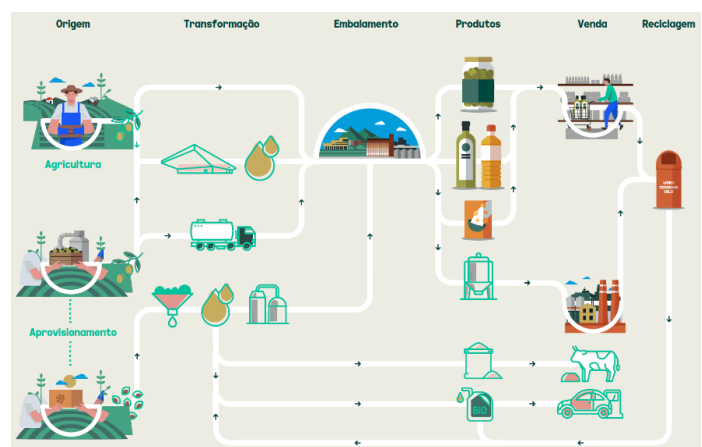
O caminho da Sovena na transição climática reflete um percurso de integração progressiva da sustentabilidade na estratégia, nas operações e na cadeia de valor do Grupo. Ao longo dos últimos anos, a empresa tem vindo a reforçar a sua resposta aos desafios climáticos, através do aprofundamento do conhecimento dos seus impactos, riscos e oportunidades, do desenvolvimento do seu perfil de emissões de GEE, da definição de prioridades e do lançamento de iniciativas concretas em diferentes áreas do negócio. Este capítulo enquadra esse percurso e mostra como o tema do clima se articula com a estratégia, com o modelo de negócio e com a cadeia de valor da Sovena, preparando a leitura dos elementos mais técnicos e operacionais do PTC.

2.1. Modelo de negócio e cadeia de valor na transição climática

A relevância da transição climática para a Sovena está profundamente ligada à natureza do seu modelo de negócio e à forma como o Grupo se posiciona ao longo da cadeia de valor alimentar. Com atividade principal nos setores do azeite e dos óleos vegetais, a Sovena desenvolve operações que abrangem desde a produção agrícola e *sourcing* até à extração, refinação, embalagem, comercialização e valorização de subprodutos, atuando em múltiplas geografias e mercados. Esta presença alargada confere ao Grupo uma capacidade relevante de influência, mas também uma exposição significativa aos desafios climáticos que afetam os sistemas alimentares, os recursos naturais e as cadeias de abastecimento globais.

Neste contexto, as alterações climáticas representam para a Sovena não apenas uma questão ambiental, mas também um fator estratégico com implicações diretas no negócio. A disponibilidade e a qualidade das matérias-primas agrícolas, a estabilidade das cadeias de fornecimento, o acesso a recursos como água e energia, a eficiência das operações industriais, a evolução do enquadramento regulatório e as expectativas crescentes dos clientes e restantes *stakeholders* são todos elementos influenciados, de forma direta ou indireta, pelas alterações climáticas.

A leitura da cadeia de valor da Sovena ajuda a compreender essa materialidade. Na fase de origem, agricultura e *sourcing*, o Grupo depende de culturas e matérias-primas particularmente sensíveis a fenómenos extremos, alterações nos regimes hídricos, degradação de solos e volatilidade produtiva. Na transformação e embalagem, assumem relevância a eficiência energética, os combustíveis, a eletricidade, o vapor, os materiais e a circularidade dos processos. Já ao nível dos produtos, da distribuição e da reciclagem, ganham importância fatores como a adaptação às preferências dos mercados, a rastreabilidade, o aproveitamento de subprodutos e a valorização de soluções circulares. Esta visão integrada reforça a necessidade de uma abordagem climática que acompanhe toda a cadeia de valor e não apenas as operações diretas.



2.2. A estratégia Feeding Futures e a integração da sustentabilidade no negócio

A resposta da Sovena aos desafios ambientais e sociais enquadra-se na sua estratégia de sustentabilidade [Feeding Future for a planet that prospers and for people that thrive](#), reforçada à luz da análise de dupla materialidade e da evolução das expectativas regulatórias e de mercado. Estruturada em três pilares para o período 2023-2026 — produção alimentar eficiente e circular, desenvolvimento profissional e bem-estar, e cadeia de valor responsável —, esta estratégia traduz a ambição do Grupo de assegurar a prosperidade do negócio, reforçando simultaneamente as suas bases operacionais, humanas e relacionais.

No domínio climático, a estratégia é particularmente relevante por integrar objetivos e compromissos relacionados com a descarbonização das atividades, a transição energética, a melhoria da eficiência dos processos, a gestão eficiente dos recursos naturais e o reforço da responsabilidade ao longo da cadeia de valor. Neste contexto, a transição climática não surge como uma agenda paralela, mas como uma dimensão transversal à estratégia do Grupo, com implicações na operação agrícola e industrial, nas opções de investimento, no aprovisionamento e nas relações com fornecedores, clientes e parceiros.

A integração da sustentabilidade no negócio tem vindo a ser reforçada por mecanismos de governação, por exercícios de materialidade mais robustos, pelo aprofundamento da recolha e análise de dados ESG e pela definição de objetivos concretos para diferentes áreas da organização. O PTC surge, assim, como uma evolução natural deste percurso: um instrumento que consolida a dimensão climática da estratégia, reforça a sua ligação ao modelo de negócio e lhe confere maior estrutura, visibilidade e coerência operacional.

2.3. Principais pontos de exposição climática e alavancas de resposta

A relevância do clima para a Sovena decorre da combinação entre a exposição das suas operações próprias e a materialidade da cadeia de valor. A própria análise de dupla materialidade e a identificação de impactos, riscos e oportunidades confirmaram que as alterações climáticas afetam o Grupo tanto ao nível da atividade agrícola e industrial como ao longo do aprovisionamento, da logística, da rastreabilidade e das relações com fornecedores e clientes.

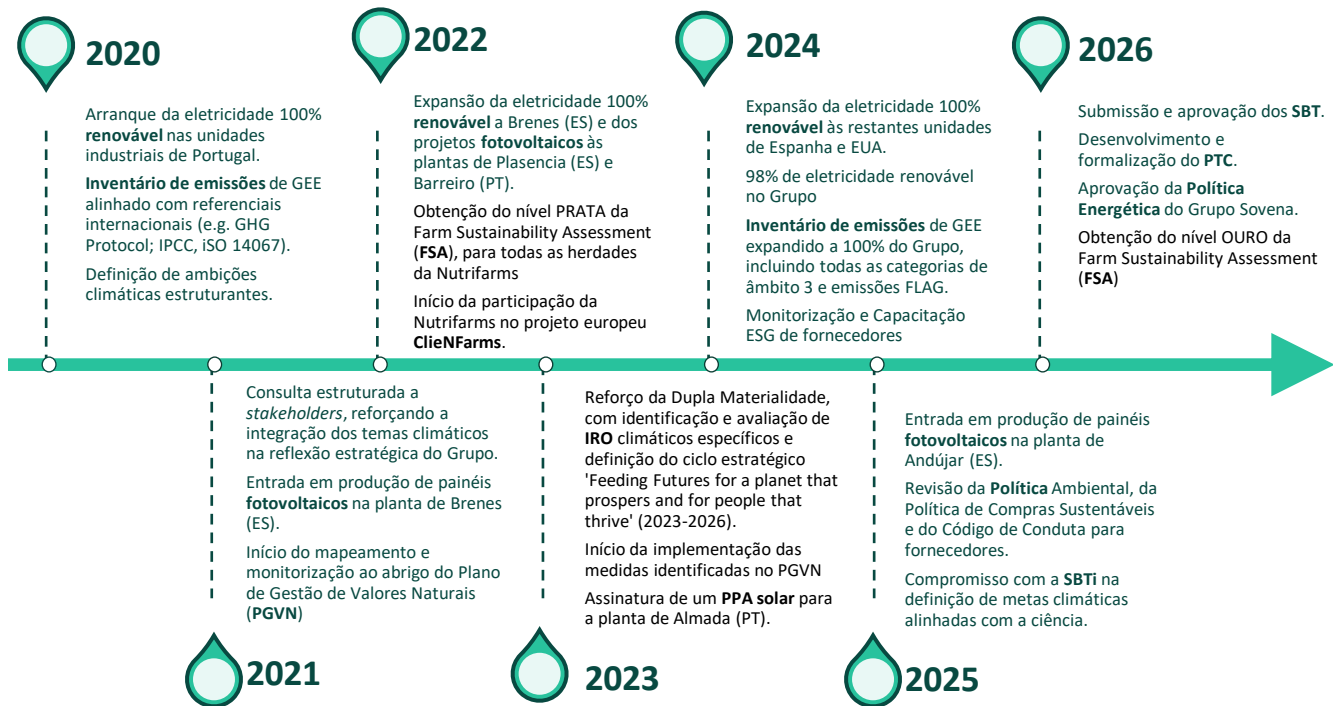
Ao nível das operações próprias, destacam-se a dependência de energia, combustíveis e água, bem como a necessidade de assegurar eficiência operacional, modernização industrial e resiliência face à evolução dos custos energéticos e das exigências regulatórias. Num grupo com atividade agrícola e industrial relevante, estas dimensões têm impacto direto na competitividade, na continuidade operacional e no perfil emissor do negócio.

Na cadeia de valor, assumem particular importância a disponibilidade e a qualidade das matérias-primas agrícolas, a estabilidade das cadeias de abastecimento, a rastreabilidade, a conformidade regulatória e a capacidade de mobilizar fornecedores e parceiros. Fenómenos climáticos adversos, pressão sobre recursos naturais, volatilidade produtiva e novas exigências de mercado tornam especialmente relevante uma resposta estruturada nas vertentes de *sourcing*, agricultura, logística e relação com a base de abastecimento.

Estas exposições traduzem áreas prioritárias de atuação e criação de valor. A eficiência energética, a incorporação de eletricidade renovável, a modernização industrial, a circularidade e valorização de subprodutos, a rastreabilidade e o envolvimento progressivo da cadeia de valor são exemplos de alavancas através das quais a Sovena reforça a resiliência e prepara o negócio para a transição climática.

2.4. O percurso da Sovena até ao PTC

O PTC da Sovena não parte de um ponto zero, resultando de um percurso gradual de integração da sustentabilidade no negócio e de reforço da maturidade do Grupo em matéria climática. O Grupo publica relatórios de sustentabilidade desde 2013, nos quais tem vindo a refletir as suas ambições e progressos relativos à maximização de impacto positivo no ambiente. Mais concretamente, nos últimos anos, a Sovena tem vindo a consolidar práticas, instrumentos de gestão e capacidades internas que criam uma base mais robusta para estruturar metas, medidas e prioridades de transição.



2.5. Uma base consolidada para a ação climática

A trajetória já percorrida pela Sovena demonstra que o Grupo tem vindo a construir bases relevantes para uma ação climática mais estruturada. A consolidação da estratégia, o reforço da governação, a melhoria da qualidade, consistência e cobertura dos dados, a evolução do inventário de emissões, a incorporação progressiva de soluções energéticas mais sustentáveis e o maior envolvimento da cadeia de valor permitem hoje enquadrar o PTC como um passo de maturidade natural e não apenas como uma resposta a exigências de reporte.

Neste sentido, o caminho da Sovena na transição climática traduz uma evolução progressiva de ambição, capacidade e integração. O PTC surge para dar coerência a esse percurso, organizando a informação existente, clarificando metas e prioridades, reforçando a ligação entre estratégia e implementação e preparando o Grupo para responder de forma mais estruturada aos desafios e oportunidades que a transição climática coloca ao negócio e à sua cadeia de valor.

3. GOVERNANÇA E MODELO DE GESTÃO CLIMÁTICA

A governação climática da Sovena enquadra-se no modelo de governação da sustentabilidade do Grupo e no ciclo estratégico 2024-2026, refletindo uma abordagem que procura integrar os temas ambientais, sociais e de governança na definição de prioridades, na tomada de decisão e na implementação das ações. Neste contexto, o clima não é tratado como um tema autónomo ou isolado, mas como uma dimensão transversal da estratégia, articulada com o modelo de negócio, com a gestão de impactos, riscos e oportunidades, e com os objetivos de médio e longo prazo definidos pelo Grupo.

A revisão da estratégia de sustentabilidade e do respetivo modelo de governação permitiu à Sovena clarificar os procedimentos de definição, monitorização e tomada de decisão associados aos objetivos de sustentabilidade. Este enquadramento é particularmente relevante para o PTC, na medida em que assegura uma estrutura de supervisão, coordenação e implementação capaz de acompanhar metas, projetos, riscos, necessidades de investimento e evolução do desempenho climático ao longo do tempo.

3.1. Papel do CEO e do Conselho de Administração

Ao nível da supervisão estratégica, o CEO, em conjunto com o Conselho de Administração, assume um papel central na governação dos temas de sustentabilidade e, portanto, também das matérias relacionadas com as alterações climáticas. Compete a estes órgãos definir as orientações estratégicas, monitorizar o desenho e assegurar o cumprimento da estratégia, aprová-la e promover uma visão comum junto da gestão de topo e da organização como um todo.

No âmbito do modelo de governação da sustentabilidade, o CEO e o Conselho de Administração recebem atualizações regulares sobre os temas materiais de sustentabilidade do Grupo e sobre o progresso alcançado face aos objetivos definidos. Esta supervisão abrange os impactos, riscos e oportunidades identificados, bem como a evolução dos respetivos planos de resposta. No caso específico do PTC, este enquadramento permite ancorar a ambição climática da Sovena ao mais alto nível da organização e reforçar a sua legitimidade enquanto instrumento estratégico de gestão.

Adicionalmente, cabe ao CEO delegar a coordenação do plano de ação no Departamento de Sustentabilidade, assegurando que a implementação das prioridades definidas se faz com alinhamento estratégico e com articulação entre as diferentes áreas do Grupo.

3.2. Papel da Área de Sustentabilidade e da Gestão de Topo

O departamento de Sustentabilidade, reportando diretamente ao CEO, assume a função central de coordenação do modelo de gestão da sustentabilidade da Sovena. Entre as suas principais responsabilidades incluem-se o desenho da estratégia de sustentabilidade, o acompanhamento e apoio à sua implementação, a promoção de projetos relacionados com sustentabilidade, a gestão de parcerias e do envolvimento com *stakeholders*, a coordenação do Comité de Sustentabilidade, a promoção de uma cultura de sustentabilidade e a comunicação e reporte anual de acordo com os requisitos legais e *standards* aplicáveis.

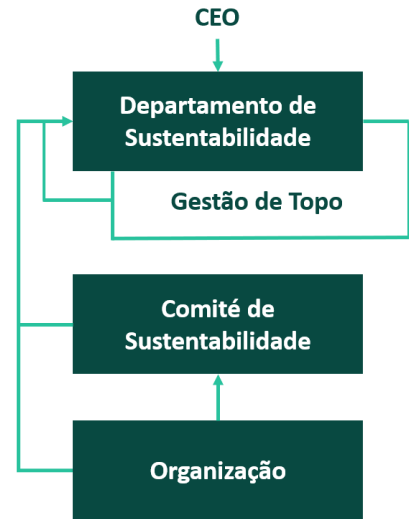
No contexto do PTC, este papel é particularmente relevante, na medida em que o departamento de Sustentabilidade funciona como ponto de articulação entre a ambição estratégica, a monitorização de metas, a recolha de informação, o acompanhamento de iniciativas e a interação com as áreas operacionais e corporativas responsáveis pela implementação das medidas.

A Gestão de Topo participa neste modelo através da validação das propostas desenvolvidas pelo departamento de Sustentabilidade, em articulação com o CEO. Este nível de envolvimento é importante para assegurar que os temas climáticos e de sustentabilidade não ficam circunscritos a uma função especializada, mas são discutidos e apropriados pelas áreas com responsabilidade direta sobre operações, aprovisionamento, investimento, pessoas, qualidade, desenvolvimento de produto e desempenho económico-financeiro.

3.3. Comité de Sustentabilidade e articulação com as áreas-chave

O Comité de Sustentabilidade constitui um órgão central do modelo de governação da sustentabilidade da Sovena. O seu papel consiste em desafiar, consolidar e destacar os principais temas de sustentabilidade nas diferentes áreas da organização, participando ativamente na definição e implementação da estratégia. Cada membro do comité atua como embaixador da sustentabilidade no respetivo departamento, promovendo a disseminação interna das prioridades e o alinhamento entre a estratégia corporativa e a realidade operacional.

De acordo com o modelo definido para o ciclo estratégico 2024-2026, o comité integra representantes de áreas-chave do Grupo. Esta composição permite assegurar uma visão transversal dos temas de sustentabilidade e reforça a capacidade da Sovena para integrar a dimensão climática em diferentes funções e geografias.





O modelo prevê que o Comité de Sustentabilidade reúna, pelo menos, trimestralmente para acompanhamento, formulação de propostas, análise e tomada de decisão. Esta periodicidade é consistente com o papel do comité enquanto fórum de articulação, acompanhamento e mobilização interna, sendo particularmente relevante para matérias como o acompanhamento de objetivos, a priorização de iniciativas, a gestão de dependências entre áreas e a monitorização do progresso do PTC.

3.4. Processos de acompanhamento, reporte e controlo

A governação climática da Sovena é suportada por mecanismos regulares de acompanhamento e reporte, que permitem assegurar visibilidade sobre o progresso alcançado, os principais desafios e os ajustamentos necessários. Ao longo do ano, o CEO e o Conselho de Administração recebem atualizações regulares sobre os temas materiais de sustentabilidade e sobre o progresso face às metas estabelecidas, processo esse acompanhado pela Área de Sustentabilidade em coordenação com o Comité de Sustentabilidade.

O modelo de acompanhamento é complementado por momentos formais de articulação interna, incluindo reuniões regulares com a equipa de gestão, reuniões periódicas com gestores das unidades de negócio e momentos de análise estratégica. Estes mecanismos contribuem para integrar a sustentabilidade e o clima no ciclo normal de gestão do Grupo, favorecendo a ligação entre os objetivos corporativos e a execução pelas áreas operacionais e funcionais.

No que respeita ao reporte, a preparação da informação é gerida pelo departamento de Sustentabilidade, que recolhe os contributos necessários junto das diferentes áreas do Grupo. O processo inclui uma primeira revisão por um comité interno de sustentabilidade, seguida de revisão pelas direções das áreas e posterior aprovação final pelo CEO. Este modelo reforça a consistência da informação reportada e contribui para o desenvolvimento progressivo dos mecanismos internos de controlo associados ao reporte de sustentabilidade e clima.

3.5. Políticas, capacitação e integração na gestão

A governação climática da Sovena é também suportada por um conjunto de políticas e instrumentos de gestão que procuram traduzir a ambição estratégica em critérios de atuação concretos. Entre estes instrumentos destacam-se a [Política Ambiental](#), a [Política de Compras Sustentáveis](#), o [Código de Conduta para Fornecedores](#) e a [Política Energética](#) do Grupo Sovena. Esta última, formalmente aprovada pelo Conselho de Administração (janeiro de 2026), estabelece princípios orientadores para uma gestão energética robusta e sustentável em todas as atividades, instalações e geografias onde o Grupo opera.

A Política Energética prevê, entre outros compromissos, o cumprimento das obrigações aplicáveis, a definição e revisão de objetivos e metas energéticas, a melhoria contínua do desempenho energético, a integração de critérios energéticos nas decisões de compra e no planeamento de novos projetos, a capacitação de colaboradores e parceiros e a substituição progressiva de energia de origem fóssil por energia de origem renovável. Neste sentido, constitui um elemento relevante de formalização da abordagem da Sovena à transição energética e à gestão climática.

A Sovena tem vindo também a reforçar as competências internas em matérias ESG e de sustentabilidade. O Grupo promove a formação executiva em sustentabilidade e ESG junto dos gestores da Sovena, reforçando a capacidade de decisão informada e a integração destes temas em diferentes níveis da organização. A formação executiva, estendida em 2025 às geografias de EUA, Colômbia e Brasil, foi concluída por mais de 170 líderes, representando +90% dos gestores do Grupo. Esta dimensão de capacitação é especialmente relevante para o PTC, dado que a sua implementação depende da articulação entre múltiplas funções e da evolução das competências técnicas e de gestão associadas ao tema.

No que respeita à integração dos temas ESG no sistema de remuneração e incentivos, a Sovena não dispõe, à data, de um mecanismo formal de remuneração variável diretamente indexado a métricas ESG ou climáticas. Contudo, o Grupo incentiva a sua equipa de gestão a integrar objetivos de sustentabilidade na definição de metas, alinhando-os com a Estratégia de Sustentabilidade, e encontra-se a trabalhar na evolução futura deste modelo. Esta matéria constitui uma área de maturação e de potencial reforço do modelo de governação climática.

3.6. Governança climática como suporte ao PTC

Esta estrutura de governança permite à Sovena enquadrar a ação climática numa lógica de responsabilidade partilhada, supervisão estratégica e execução transversal. A existência de *sponsorship* ao mais alto nível, de uma função de coordenação dedicada, de um comité com representação interfuncional e de mecanismos regulares de acompanhamento cria condições favoráveis para a implementação do PTC e para a monitorização contínua do seu progresso.

Ao mesmo tempo, o modelo revela uma abordagem em evolução, compatível com o nível de maturidade atual do Grupo e com o reforço progressivo das exigências de reporte, gestão de dados, integração de metas e formalização de responsabilidades. Neste sentido, a governança climática da Sovena constitui não apenas uma base de conformidade e acompanhamento, mas também um dos principais fatores habilitadores da execução do seu PTC.

A solidez deste modelo de governança e gestão climática é determinante para assegurar que a ambição da Sovena se traduz em ação estruturada, monitorização consistente e melhoria contínua. É com base neste enquadramento que, nos capítulos seguintes, se apresentam o perfil de emissões do Grupo, os principais riscos e oportunidades climáticas, as metas definidas e o *roadmap* de descarbonização que suporta a concretização do PTC.

4. INVENTÁRIO E PERFIL DE EMISSÕES DE GEE

O inventário de emissões de gases com efeito de estufa (GEE) constitui a base técnica do PTC da Sovena. É a partir deste instrumento que o Grupo quantifica o seu impacto climático, identifica as principais fontes emissoras e estabelece a base de análise necessária para definir prioridades de descarbonização, metas e medidas de implementação. Num grupo com atividade agrícola e industrial, presença internacional e forte dependência de matérias-primas, energia e logística, o perfil de emissões reflete simultaneamente as operações próprias e a relevância da cadeia de valor no desempenho climático global.

Em 2025, a Sovena prosseguiu o reforço do seu sistema de quantificação e análise de emissões de GEE, enquadrando a ação climática numa lógica cada vez mais integrada entre eficiência operacional, transição energética, *sourcing*, agricultura e gestão da cadeia de valor. Este capítulo apresenta o enquadramento metodológico do inventário, caracteriza o perfil emissor mais recente do Grupo e contextualiza a sua evolução à luz da informação histórica disponível e da futura arquitetura de metas alinhadas com a SBTi.

4.1. Enquadramento metodológico do inventário de emissões de GEE

O inventário de emissões de GEE da Sovena é elaborado de acordo com os princípios e orientações do GHG Protocol, do IPCC e da ISO 14064, assegurando consistência, transparência e comparabilidade na quantificação das emissões ao longo do tempo. O inventário cobre os âmbitos 1 (emissões diretas), 2 (emissões indiretas) e 3 (outras emissões indiretas, associadas à cadeia de valor) e é verificado por uma entidade externa independente, reforçando a sua robustez e credibilidade.

Para a definição da fronteira organizacional, a Sovena adota a abordagem de controlo operacional, considerando as emissões das instalações e atividades sobre as quais exerce esse controlo. O perímetro do inventário é total desde 2024, alinhado com a consolidação financeira e refletindo a natureza integrada do modelo de negócio do Grupo.

A contabilização abrange as principais fontes de emissão relevantes para a atividade da Sovena, incluindo emissões diretas, emissões indiretas associadas à energia adquirida e emissões indiretas da cadeia de valor. No âmbito 2, são aplicadas as abordagens *market-based* e *location-based*. Atendendo à relevância da componente agrícola e do uso do solo para o Grupo, o inventário distingue ainda, quando aplicável, as emissões FLAG (Forest, Land and Agriculture) das emissões non-FLAG (*industry/energy*). Em linha com o GHG Protocol, a Sovena reporta também separadamente as emissões biogénicas associadas aos biocombustíveis e o sumidouro de carbono relacionado com a capacidade de sequestro das suas atividades agrícolas e florestais.

O inventário continuará a ser revisto e refinado anualmente, incorporando melhorias metodológicas, maior granularidade de dados e, sempre que possível, maior recurso a informação primária. O detalhe metodológico adicional pode ser consultado no capítulo '[Anexos técnicos](#)' do presente plano.

4.2. Perfil global de emissões e principais drivers do perfil carbônico

O perfil emissor da Sovena em 2025 continua a refletir a forte relevância da cadeia de valor no total das emissões do Grupo, sendo o âmbito 3 o principal contributo para a pegada carbônica global. Em 2025, as emissões totais de GEE da Sovena ascenderam a cerca de 2 milhões de tCO₂e (âmbitos 1, 2 e 3, considerando a abordagem *market-based* para o âmbito 2), das quais 96,6% correspondem ao âmbito 3. As emissões de âmbito 1 totalizaram 33.812 tCO₂e e as de âmbito 2 totalizam 35.291 tCO₂e, representando, em conjunto, 3,4% das emissões totais. Esta estrutura confirma que a trajetória climática da Sovena exige uma atuação simultânea sobre duas frentes: a redução das emissões operacionais, mas principalmente a atuação sobre os principais drivers de emissões a montante e a jusante da cadeia de valor.

Evolução das emissões totais de GEE, por âmbito e tipologia de emissões (tCO₂e)

	2024	2025	Materialidade	Δ 24/25
	tCO ₂ e	tCO ₂ e	%	%
Âmbito 1 – Emissões diretas	31.539	33.812	1,7	+7,2
Combustão estacionária	18.720	20.195	1,0	+7,9
Combustão móvel (frota)	4.192	4.322	0,2	+3,1
Emissões fugitivas	36	102	0,01	+179,2
Tratamento de águas residuais	4.385	3.452	0,2	-21,3
Uso de fertilizantes*	3.718	5.172	0,3	+39,1
Alterações do uso do solo*	486	569	0,003	+17,0
Âmbito 2 – Emissões indiretas	40.057	35.291	1,7	-11,9
Vapor e calor	38.992	34.832	1,7	-10,7
Eletricidade (<i>Market-based</i>)	1.065	459	0,02	-56,9
Eletricidade (<i>Location-based</i>)	17.542	11.348	-	-35,3
Âmbito 3 – Outras emissões indiretas	1.915.015	1.958.769	96,6	+2,3
C1. Aquisição de bens e serviços*	1.457.903	1.460.710	72,0	+0,2
C2. Aquisição de bens de capital	2.281	2.539	0,1	+11,3
C3. Combustíveis e energia não incluídos em A1 e A2	16.392	15.424	0,8	-5,9
C4. Transporte e distribuição a montante	97.800	113.658	5,6	+16,2
C5. Resíduos gerados na operação	12.514	15.112	0,7	+20,8
C6. Viagens de negócio	500	836	0,04	+67,1
C7. Deslocações pendulares	307	315	0,02	+2,5
C8. Ativos alugados (montante)	369	425	0,02	+15,2
C9. Transporte e distribuição a jusante	32.184	34.654	1,7	+7,7
C10. Processamento dos produtos vendidos	236.347	261.093	12,9	+10,5
C11. Fim de vida dos produtos vendidos	57.353	53.214	2,6	-7,2
C12. Ativos alugados (jusante)	1.022	756	0,04	-26,1
C15. Investimentos	43	32	0,002	-25,2
Total – Âmbitos 1 + 2 (abordagem market-based)	71.595	69.103	3,4	-3,
Total – Âmbitos 1 + 2 (abordagem market-based) + 3	1.986.611	2.027.871	100	+2,1
Rácio intensidade – Âmbitos 1+2+3 (tCO₂e/ton produção)	2,08	2,04	-	-1,9%
Emissões FLAG*	1.108.697	1.078.633	53,2	-2,7
Emissões não FLAG	877.913	949.239	46,8	+8,1
Emissões biogénicas**	66.413	64.878	-	-2,3
Sumidouro de carbono	98.308	100.663	-	+2,4

C11. Utilização dos produtos vendidos - As emissões associadas aos óleos de fritura e aos azeites são consideradas irrelevantes;

C14. Franquias - Não existem franquias na Sovena;

C15. Investimentos - A análise de materialidade concluiu que as emissões associadas à Soho, à Ecoexperience e à Sovoilar, empresas sobre as quais não se exerce controlo operacional, são as mais imateriais (0,002%).

* Emissões FLAG: corresponde a 100% das emissões associadas ao uso de fertilizantes (âmbito 1), 100% das emissões associadas às alterações do uso do solo (âmbito 1), e 72% das emissões associadas à compra de produtos e serviços (âmbito 3, C1).

** Emissões biogénicas.

A principal fonte emissora da Sovena em 2025 continua a ser a categoria C1 – Aquisição de bens e serviços, (1,46 MtCO₂e), representando 72,0% das emissões totais do Grupo. Seguem-se C10 – Processamento de produtos vendidos (261 ktCO₂e; 12,9%), C4 – Transporte e distribuição a montante, com (114 ktCO₂e; 5,6%), e C12 – Fim de vida dos produtos vendidos (53 ktCO₂e; 2,6%). Em conjunto, estas categorias mostram que os principais drivers de emissões da Sovena se distribuem entre aquisição de matérias-primas, processamento a jusante e logística, reforçando a necessidade de uma abordagem de descarbonização que vá além das operações próprias. No perímetro das operações próprias, destacam-se as emissões associadas a vapor e calor adquiridos (35 ktCO₂e), à combustão estacionária (20 ktCO₂e), ao uso de fertilizantes (5 ktCO₂e) e à combustão móvel (4 ktCO₂e). Esta distribuição confirma a centralidade da componente térmica e energética no perfil operacional da Sovena, bem como a relevância relativa da atividade agrícola no âmbito 1.

Em conjunto, estes resultados mostram que o perfil carbónico da Sovena assenta numa combinação entre emissões operacionais sob maior controlo direto do Grupo e emissões indiretas de elevada materialidade ao longo da cadeia de valor. Esta leitura reforça a necessidade de combinar medidas de eficiência, transição energética e modernização operacional com iniciativas de atuação sobre fornecedores, matérias-primas, logística e categorias materiais de âmbito 3.

4.3. Emissões FLAG, non-FLAG e adequação do inventário à realidade Sovena

Sendo a Sovena uma empresa do setor agroalimentar com exposição relevante à produção agrícola, ao uso do solo e ao aprovisionamento de matérias-primas, a distinção entre emissões FLAG e non-FLAG assume particular relevância. Em 2025, 53% das emissões totais do Grupo foram classificadas como FLAG e 47% como non-FLAG, confirmando a materialidade da componente FLAG no perfil carbónico da Sovena.

As emissões FLAG concentram-se sobretudo no uso de fertilizantes, nas alterações do uso do solo e, no âmbito 3, na categoria C1 – Aquisição de bens e serviços, onde se incorpora a componente agrícola e de uso do solo associada às matérias-primas adquiridas. Esta distribuição confirma que, no caso da Sovena, as emissões FLAG decorrem principalmente da ligação do Grupo à produção agrícola, à gestão do território e ao aprovisionamento de matérias-primas de origem biológica.

Na componente non-FLAG do âmbito 3, assumem maior peso as categorias C1 (na componente não agrícola), C10 – Processamento de produtos vendidos, C4 – Transporte e distribuição a montante e C12 – Fim de vida dos produtos vendidos. Esta leitura evidencia que, para além da componente agrícola e do uso do solo, a Sovena mantém uma exposição material a categorias industriais, logísticas e de cadeia de valor mais alargada.

A estrutura atual do inventário mostra, assim, uma boa adequação à realidade emissora da Sovena, permitindo refletir simultaneamente a materialidade da componente agrícola e do uso do solo e a relevância das restantes emissões energéticas, industriais e logísticas. Esta distinção é relevante para a monitorização das metas climáticas alinhadas com a SBTi e para a priorização das medidas de descarbonização ao longo do PTC.

4.4. Panorama energético, eletricidade renovável e relação com as emissões

Em 2025, a energia continuou a assumir um papel central na explicação do perfil de emissões da Sovena nos âmbitos 1 e 2. O panorama global do consumo energético do Grupo mostra o vapor/calor adquirido como a fonte mais relevante (40% do total), seguido do gás natural (22%), eletricidade verde (20%) e da biomassa (12%). Esta composição, em que quatro fontes representam 94% do perfil energético, das quais 74% corresponde à componente térmica, confirmando-se a relevância desta componente no perfil energético do Grupo.

Alinhada com a estratégia definida em 2024, a Sovena assegura atualmente 98% do seu consumo elétrico através de fontes renováveis. Este desempenho reflete-se na redução das emissões por abordagem *market-based* e reforça o compromisso de atingir a meta de 100% até ao final de 2026. O Grupo expandiu a capacidade fotovoltaica, alargando para seis as unidades industriais com instalações com consumo próprio de eletricidade renovável, incluindo Barreiro, Almada, Centazzi, Brenes, Andújar e Plasencia, em linha com o objetivo de atingir sete unidades até 2030. Em paralelo, aprofundou medidas de gestão energética — incluindo a obtenção da certificação ISO 50001 em Brenes e a expansão prevista para Almada e Andújar — e adjudicou um sistema de armazenamento para otimização do autoconsumo. Em conjunto, estas iniciativas contribuem para reduzir a intensidade carbónica das operações e reforçam a centralidade da transição energética no PTC.

5. ANÁLISE DE RISCOS E OPORTUNIDADES CLIMÁTICAS

As alterações climáticas representam para a Sovena um fator material de exposição e de transformação do negócio, com implicações potenciais nas operações industriais e agrícolas, na disponibilidade de matérias-primas, na estabilidade da cadeia de abastecimento e na evolução dos requisitos regulatórios, tecnológicos e de mercado. Ao mesmo tempo, a transição climática abre espaço para oportunidades associadas à eficiência operacional, à transição energética, ao reforço da resiliência da cadeia de valor e ao desenvolvimento de soluções mais sustentáveis.

Neste contexto, a Sovena identificou um conjunto de impactos, riscos e oportunidades climáticas materiais para o Grupo, que têm vindo a ser progressivamente integrados na gestão do risco, no planeamento estratégico e na definição de prioridades de ação. A abordagem adotada e os principais riscos e oportunidades identificados são apresentados nos subcapítulos seguintes.

5.1. Enquadramento da análise de riscos e oportunidades climáticas

A avaliação de riscos e oportunidades da Sovena foi desenvolvida no contexto do exercício de dupla materialidade, atualizado em 2024 e revisto em 2025, com base nos critérios do ESRS 1 e nas orientações do EFRAG. Os IRO foram avaliados em horizontes de curto, médio e longo prazo, considerando a sua relevância para o negócio, para a cadeia de valor e para os *stakeholders*. No caso dos riscos e oportunidades de natureza financeira, a Sovena considera fatores como magnitude e probabilidade, embora reconheça que a análise detalhada de alguns efeitos financeiros ainda está em desenvolvimento. No caso específico das alterações climáticas, a análise combinou a identificação de riscos físicos e o aprofundamento dos riscos e oportunidades de transição. Para os riscos físicos, a Sovena recorreu à ferramenta ‘[Think Hazard!](#)’ (World Bank) para apoiar a identificação e classificação dos principais fatores de exposição nas geografias onde opera, considerando a probabilidade de ocorrência e o impacto potencial nas atividades e cadeia de valor.

5.2. Riscos climáticos físicos e de transição e oportunidades climáticas

Riscos físicos

Entre os principais riscos físicos crónicos, destacam-se a escassez de água e o calor extremo, que podem limitar o acesso a recursos essenciais, reduzir a disponibilidade e qualidade das matérias-primas e aumentar os desafios operacionais nas atividades agrícolas e industriais.

Entre os riscos físicos agudos, incluem-se inundações fluviais, urbanas e costeiras, deslizamentos de terra, ciclones e incêndios florestais, com potencial para causar danos em infraestruturas e equipamentos, aumentar custos e provocar interrupções no *sourcing* e na produção.

Esta exposição é particularmente relevante para a Sovena devido à sua presença em múltiplas geografias, à dependência de matérias-primas agrícolas e ao peso da atividade industrial e logística.

Riscos de transição

Os riscos resultam, entre outros fatores, da evolução regulatória, da necessidade de investimento em novas tecnologias, da evolução dos custos energéticos e do carbono e da pressão crescente de clientes, mercados e restantes partes interessadas para a redução da intensidade carbónica das operações e da cadeia de valor.

Entre os potenciais efeitos financeiros identificados pela Sovena destacam-se custos e investimentos decorrentes dos riscos de transição, incluindo investimento em novas tecnologias e o aumento dos custos com licenças de emissão de CO₂.

Estes riscos afetam principalmente as operações próprias do Grupo, mas também a sua capacidade de adaptação ao longo da cadeia de valor.

Oportunidades

A transição climática gera também oportunidades relevantes para a Sovena. Entre as mais relevantes encontram-se o uso de recursos renováveis, o desenvolvimento e implementação de projetos de eficiência energética, a substituição progressiva de fontes fósseis por renováveis e a digitalização da gestão energética.

Estas oportunidades podem traduzir-se em ganhos de eficiência, redução de custos operacionais, reforço da autonomia energética, menor exposição à volatilidade dos preços da energia e melhor posicionamento competitivo num contexto de exigência climática crescente. Ao mesmo tempo, podem contribuir para melhorar a capacidade do Grupo de responder às expectativas de clientes, investidores e reguladores. Desta forma, reforçam a robustez do modelo de negócio a médio e longo prazo.

Síntese dos principais riscos e oportunidades climáticas para a Sovena

TIPO	DESCRIÇÃO	POTENCIAIS EFEITOS FINANCEIROS	HORIZONTE TEMPORAL	FASE DA CADEIA DE VALOR	NÍVEL DE MATERIALIDADE	MEDIDAS DE GESTÃO / RESPOSTA ATUAL
Risco físico – crónico	Escassez de água e acesso limitado a recursos hídricos para operações agrícolas e industriais.	Redução de produção, menor disponibilidade de matérias-primas, impacto potencial na qualidade da matéria-prima, impacto na gestão operacional, aumento de custos, redução de vendas, pressão sobre margens.	Médio prazo	OO	Crítico	Gestão eficiente da água e dos recursos naturais; melhoria operacional; reforço de aplicação das melhores práticas agrícolas e industriais; I&D
Risco físico – crónico	Calor extremo e alterações climáticas crónicas, com impacto na produtividade e qualidade das matérias-primas.		Médio / longo prazo	US, OO	Crítico	
Risco físico – agudo	Eventos climáticos extremos com impacto na disponibilidade de matérias-primas e perturbações no <i>sourcing</i> .	Ruturas ou atrasos no abastecimento de matérias-primas; necessidade de recurso a <i>sourcing</i> alternativo em condições menos favoráveis; aumento de custos de aquisição, transporte e logística; perturbações operacionais e comerciais.	Médio prazo	US, OO	Crítico	Diversificação de fornecedores; reforço de parcerias; monitorização e capacitação de fornecedores; reforço da rastreabilidade e da resiliência do <i>sourcing</i> .
Risco físico – agudo	Eventos climáticos extremos com impacto em infraestruturas, equipamentos e continuidade da produção.	Danos em infraestruturas e equipamentos; aumento de custos; interrupções operacionais e produtivas.	Curto / médio prazo	OO	Significativo	Implementação de medidas de adaptação e resiliência operacional.
Risco de transição	Custos e investimentos decorrentes da transição climática.	Necessidade de investimento em novas tecnologias; aumento de CAPEX; custos de adaptação.	Médio prazo	OO	Crítico	Projetos de eficiência energética; transição energética; digitalização; modernização tecnológica.
Risco de transição	Aumento dos custos com licenças de emissão de CO ₂ .	Aumento de custos operacionais e de conformidade.	Curto prazo	OO	Crítico	Redução progressiva da intensidade carbónica; reforço de energias renováveis; eficiência energética.
Oportunidade	Uso de recursos renováveis nas operações agrícolas e industriais.	Redução de custos operacionais; menor exposição à volatilidade dos preços da energia e do carbono.	Curto prazo	OO	Significativo	Investimento em instalações solares para autoconsumo e sistemas de armazenamento de energia; otimização e expansão do uso biomassa; diversificação do <i>mix</i> energético.
Oportunidade	Desenvolvimento e implementação de projetos de eficiência energética.	Redução de consumos e emissões; redução e custos; ganhos de eficiência; reforço da competitividade.	Curto prazo	OO	Significativo	Projetos de eficiência energética; certificação ISO 50001; gestão energética; digitalização.

Nota: US (Upstream); OO (Own Operations); DS (Downstream).

5.3. Integração na gestão e leitura estratégica para o PTC

A Sovena já integrou riscos e oportunidades climáticas nos seus processos de gestão e planeamento estratégico, reconhecendo que o modelo se encontra em evolução. A sua gestão inclui medidas preventivas e corretivas, monitorização contínua e ajustes estratégicos, incluindo inovação tecnológica, investimento e adaptação operacional. Esta integração é especialmente visível em áreas como energia, água, *sourcing*, eficiência operacional e colaboração com fornecedores e outros parceiros da cadeia de valor.

Simultaneamente, a Sovena reconhece a necessidade de evolução da sua abordagem atual, cujo desenvolvimento será priorizado nos próximos ciclos de reporte, nomeadamente através de: (i) um aprofundamento da análise de cenários climáticos; e (ii) uma quantificação financeira detalhada de riscos e oportunidades. Esta postura é consistente com o atual nível de maturidade do Grupo que, embora disponha de uma base sólida na identificação e gestão de riscos, mantém o compromisso de evoluir na análise estratégica da sua resiliência climática.

A análise de riscos e oportunidades climáticas confirma que a sua exposição decorre da combinação entre atividade agrícola, *sourcing*, operações industriais, recursos naturais, logística e exigências de mercado e regulação. Por essa razão, o PTC deve ser entendido não apenas como um instrumento de mitigação de emissões, mas também como uma ferramenta de reforço da resiliência operacional, da robustez da cadeia de valor e da preparação estratégica do Grupo para diferentes dinâmicas de transição.

Nos capítulos seguintes, esta leitura será retomada na definição das metas climáticas e no *roadmap* de descarbonização, evidenciando de que forma a Sovena procura responder, de forma progressiva e estruturada, aos riscos e oportunidades associados às alterações climáticas.

6. METAS CLIMÁTICAS E TRAJETÓRIA

A Sovena encontra-se numa fase de evolução do seu quadro de ambição climática, transitando de um conjunto de metas internas de redução de emissões para um quadro de metas alinhadas com a ciência climática, estruturado segundo os critérios da *Science Based Targets initiative* (SBTi), já submetidas para validação. Este novo enquadramento traduz um reforço da robustez metodológica das metas, em coerência com a realidade emissora do Grupo, a estratégia climática e o *roadmap* de descarbonização.

6.1. Evolução do quadro de metas climáticas da Sovena

A definição de metas climáticas na Sovena tem vindo a evoluir à medida que o Grupo aprofunda o seu inventário de emissões, alarga a cobertura da pegada carbónica e reforça o alinhamento com referenciais internacionais. A Sovena tem vindo a definir metas de redução para os âmbitos 1 e 2 - no ciclo estratégico iniciado em 2024, propôs-se a uma redução de 10% até 2026, e 25% até 2030, com base em 2023-, enquadradas na sua estratégia de sustentabilidade e na ambição de reforçar o desempenho climático das operações.

Com a decisão de alinhar o Grupo com a metodologia da SBTi, a Sovena realizou um aprofundamento técnico em 2024 e formalizou o seu compromisso de descarbonização à iniciativa em 2025, definindo um novo conjunto de metas climáticas - concebidas para refletir de forma mais rigorosa a estrutura do seu perfil emissor e a especificidade do seu negócio agroindustrial-, submetidas para aprovação pela SBTi em 2026. Este novo quadro passa a utilizar 2024 como *baseline* e a distinguir emissões FLAG (Forest, Land and Agriculture) e non-FLAG. Este enquadramento é particularmente importante no caso da Sovena, porque o inventário evidencia, por um lado, o peso das emissões operacionais associadas à eletricidade, vapor, combustíveis e processos industriais e, por outro, a elevada materialidade das emissões ligadas à terra, floresta, agricultura e aquisição de bens e serviços.

A nova arquitetura de metas permite, assim, tratar de forma diferenciada os principais drivers de emissões do Grupo e reforçar a consistência entre ambição climática e perfil carbónico.

Metas climáticas definidas pela Sovena (alinhadas com a SBTi)

COMPONENTE E PERÍMETRO	ABORDAGEM/MÉTODO	ANO-BASE	ANO-ALVO	COBERTURA	FORMULAÇÃO DA META
non-FLAG Âmbitos 1 e 2	Contração absoluta – baseada no mercado	2024	2035	95% das emissões dos âmbitos 1 e 2	Reduzir 55,89% das emissões (non-FLAG) dos âmbitos 1 e 2 até 2035, face a 2024.
non-FLAG Âmbito 3 (categorias relevantes)	Meta combinada: <i>Stakeholder engagement</i>	2024	2030	36,5% das emissões non-FLAG do âmbito 3	Assegurar o envolvimento climático de <i>stakeholders</i> , representando 36,5% das emissões non-FLAG do âmbito 3, envolvendo fornecedores e clientes, com compromisso de definição de metas no prazo máximo de 5 anos.
	Meta combinada Contração absoluta	2024	2035	30,5% das emissões non-FLAG do âmbito 3	Reduzir 27,5% das emissões (non-FLAG) de âmbito 3 abrangidas por esta componente, até 2035, face a 2024.
FLAG Âmbitos 1 e 3	Abordagem setorial FLAG – contração absoluta	2024	2035	95% do âmbito 1 FLAG e 67% do âmbito 3 FLAG	Reduzir 45,5% de 95% de emissões FLAG de âmbito 1, e reduzir 45,5% de 67% das emissões FLAG de âmbito 3, até 2035, face a 2024.

Notas:

- Ano-base 2024 para todas as metas.
- FLAG = Forest, Land and Agriculture; non-FLAG = emissões não associadas a uso do solo/alteração de uso do solo.
- A meta de âmbitos 1+2 non-FLAG segue a abordagem *market-based*.
- A meta de âmbito 3 non-FLAG foi estruturada como meta combinada, integrando uma componente de 36,5% *stakeholder engagement* até 2030 e uma componente de 30,5% de contração absoluta até 2035.
- As metas acima correspondem ao novo quadro de metas climáticas da Sovena, complementando o quadro divulgado ao abrigo da [estratégia de sustentabilidade](#).
- À data do presente relatório, as metas encontram-se definidas e submetidas à SBTi, aguardando validação final.

6.2. Trajetória de redução e monitorização

A trajetória climática da Sovena deve ser lida como uma combinação entre metas estruturais de redução de emissões de GEE e marcos intermédios de implementação. Nesse sentido, a *baseline* de 2024 constitui o ponto de partida do novo quadro de metas, enquanto o ano 2025 funciona como primeiro ponto de monitorização. Partindo desta base, a trajetória passa a ser acompanhada de forma progressiva até aos horizontes temporais definidos para cada meta.

O acompanhamento do desempenho face às metas climáticas definidas é efetuado com base no inventário anual de emissões do Grupo, assegurando coerência metodológica entre a contabilização das emissões, a monitorização dos resultados e a revisão das medidas de descarbonização. O inventário continuará, assim, a desempenhar um papel central na avaliação do progresso da Sovena, permitindo aferir a evolução das emissões operacionais, da cadeia de valor e das componentes FLAG e non-FLAG.

COMPONENTE E PERÍMETRO	META	2024 (BASE) tCO ₂ e	2025 (DESEMPENHO) tCO ₂ e	2035 (META) tCO ₂ e	Δ 2024/2025 (%)	ESTADO DE CUMPRIMENTO
non-FLAG Âmbitos 1 e 2	Reduzir 55,89% de 95% das emissões (non-FLAG) dos âmbitos 1 e 2 até 2035, face a 2024.	67.391	63.361	31.612	-6,0	Em curso
non-FLAG Âmbito 3 relevante	Reduzir 27,5% de 30,5% das emissões (non-FLAG) de âmbito 3 abrangidas por esta componente, até 2035, face a 2024.	810.523	885.877	742.540	+9,3	Em curso
	Garantir o <i>engagement</i> climático de <i>stakeholders</i> , representando 36,5% das emissões non-FLAG do âmbito 3.		Ver descrição abaixo			Em curso
FLAG Âmbitos 1 e 3	Reduzir 45,5% de 95% de emissões FLAG de âmbito 1, e reduzir 45,5% de 67% das emissões FLAG de âmbito 3, até 2035, face a 2024.	1.108.697	1.078.633	770.176	-2,7%	Em curso

Em 2025, a Sovena registou progressos iniciais no acompanhamento da nova trajetória climática definida com base em 2024. Na componente non-FLAG dos âmbitos 1 e 2, as emissões foram reduzidas em 6,0% face ao ano-base (de 67.391 tCO₂e para 63.361 tCO₂e). Já na componente FLAG dos âmbitos 1 e 3, as emissões passaram de 1.108.698 tCO₂e para 1.078.633 tCO₂e, traduzindo uma redução de 2,7%. Estes resultados demonstram que, logo no primeiro ano de monitorização, se evidencia um progresso relevante na trajetória climática da Sovena. Contudo, esta dinâmica ainda não se reflete nas emissões de âmbito 3 *non-FLAG*, cujo desempenho está intrinsecamente ligado à evolução, no mesmo sentido, da cadeia de valor. O Grupo tem vindo a implementar medidas junto destes intervenientes, contudo, dada a complexidade envolvida, os impactos positivos não se materializam de forma imediata.

No quadro da meta combinada de âmbito 3 non-FLAG, a Sovena definiu o objetivo de assegurar o envolvimento climático de *stakeholders* representando 36,5% das emissões non-FLAG do âmbito 3, envolvendo fornecedores e clientes, com compromisso de definição de metas no prazo máximo de 5 anos. Trata-se de uma componente de cobertura e mobilização da cadeia de valor, complementar à componente de contração absoluta. O seu acompanhamento será suportado por um registo central dos *stakeholders* abrangidos, revisto anualmente, permitindo monitorizar o estado de *engagement*, a cobertura do target e a evolução da adoção de metas alinhadas com a SBTi por parte dos fornecedores e clientes relevantes, em articulação entre as áreas de Sourcing, Procurement e Sustainability.

Para além das metas centrais de redução de emissões submetidas à SBTi, a Sovena dispõe de outras metas e compromissos estratégicos complementares com relevância climática, nomeadamente em matérias de transição energética, eficiência, inovação e cadeia de valor. A tabela seguinte apresenta alguns desses compromissos e o respetivo estado de progresso, evidenciando o seu contributo para a execução do PTC.

META/COMPROMISSO	RELAÇÃO COM O CLIMA	ANO OBJETIVO	PROGRESSO (2025)
Alcançar 7 unidades industriais com consumo próprio de eletricidade renovável, proveniente de produção local ou externa.	Suporta a redução das emissões operacionais e reforça a autonomia energética (âmbito 2).	2030	86%
Concluir 8 projetos de I&D desenvolvidos em parceria, orientados para descarbonização, eficiência e circularidade.	Apoia a inovação para descarbonização, eficiência de recursos e evolução do modelo operacional (âmbitos 1, 2 e 3).	2030	13%
Monitorizar 90% dos fornecedores mais relevantes com critérios ESG.	Suporta a gestão e redução das emissões indiretas na cadeia de valor (âmbito 3, FLAG e non-FLAG).	2030	65%
Promover eventos anuais sobre temas-chave de sustentabilidade, com um alcance superior a 400 participantes por ano.	Reforça a capacitação e o envolvimento da cadeia de valor, apoiando a execução da trajetória climática do âmbito 3.	2026	100%

Nota: Os valores de progresso apresentados correspondem ao estado de desempenho apurado pela Sovena para 2025, de acordo com os critérios internos de acompanhamento aplicáveis a cada meta ou compromisso.

6.3. Implicações estratégicas para o PTC

A definição deste novo quadro de metas tem implicações diretas para o PTC da Sovena. Em primeiro lugar, reforça a necessidade de uma atuação estruturada sobre as emissões de GEE operacionais non-FLAG, através de alavancas como a eficiência energética, eletrificação, gestão térmica, combustíveis, vapor e energia renovável. Em segundo lugar, confirma que a redução das emissões da cadeia de valor exigirá uma abordagem mais profunda ao *sourcing*, à agricultura, às matérias-primas, ao processamento e à colaboração com fornecedores.

Em particular, a componente FLAG reforça a importância estratégica da gestão do uso do solo, das práticas agrícolas e das matérias-primas de origem biológica no perfil emissor da Sovena. Já a componente non-FLAG evidencia a necessidade de continuar a reduzir a intensidade carbónica das operações e das categorias materiais da cadeia de valor não agrícola. Esta leitura integrada permitirá assegurar que o *roadmap* de descarbonização do Grupo responde de forma coerente às exigências do seu perfil emissor e da sua futura trajetória climática.

Nos capítulos seguintes, esta ambição será traduzida em medidas concretas, prioridades de implementação e alocação de investimento, permitindo operacionalizar o quadro de metas apresentado neste capítulo.

7. ROADMAP DE DESCARBONIZAÇÃO

O *roadmap* de descarbonização traduz a ambição climática da Sovena na implementação de ações concretas, articulando as metas definidas, o perfil de emissões do Grupo, os principais riscos e oportunidades climáticas e as alavancas operacionais e de cadeia de valor com maior potencial de redução de emissões de GEE. Mais do que um inventário de iniciativas, este *roadmap* constitui o instrumento central de execução do PTC, organizando prioridades, sequenciação, responsabilidades e necessidades de investimento ao longo do tempo.

7.1. Enquadramento e arquitetura do roadmap de descarbonização

O *roadmap* de descarbonização da Sovena está estruturado em duas grandes frentes de atuação: operações próprias e cadeia de valor. Esta arquitetura decorre diretamente da leitura do inventário de emissões, das metas climáticas definidas e da identificação dos principais riscos e oportunidades climáticos para o negócio.



Nas operações próprias, o *roadmap* concentra-se em iniciativas ligadas à atividade agrícola, à eficiência energética, à eletricidade renovável, à descarbonização térmica e de combustíveis, à gestão energética, digitalização e sistemas de controlo, à mobilidade e frota, à circularidade e otimização da gestão de resíduos e subprodutos, bem como à capacitação interna. Na cadeia de valor, o *roadmap* incorpora medidas orientadas para a componente FLAG associada à atividade agrícola, para a componente non-FLAG ligada a outros fornecedores de produtos e serviços e a outras categorias materiais de âmbito 3, e para a capacitação e o *engagement* externo com *stakeholders* relevantes.

Em termos operacionais, o *roadmap* da Sovena pode ser lido a partir de três lógicas complementares de atuação — reduzir, substituir e diversificar — que se materializam em medidas de eficiência energética e monitorização, transição para fontes com menor intensidade carbónica e reforço da resiliência energética e operacional. Em conjunto, esta arquitetura permite organizar o *roadmap* por grandes alavancas de descarbonização, assegurando uma leitura integrada.

7.2. Operações próprias

Como sintetizado na tabela seguinte, esta frente do *roadmap* traduz-se num conjunto de medidas diretamente orientadas para os principais drivers de emissões das operações próprias, combinando eficiência, transição energética, modernização tecnológica e reforço da resiliência operacional. A tabela apresenta as principais tipologias de iniciativas previstas, o seu enquadramento nas diferentes unidades e geografias, o impacto esperado, o horizonte temporal e o respetivo estado de implementação.







Roadmap de descarbonização – Operações próprias

ALAVANCA DE DESCARBONIZAÇÃO	TIPOLOGIA DE INICIATIVAS	PRINCIPAIS UNIDADES/ GEOGRAFIAS	HORIZONTE TEMPORAL	IMPACTO ESPERADO	INVESTIMENTO	ESTADO DE IMPLEMENTAÇÃO
FLAG (atividade agrícola)	Implementação de boas práticas agrícolas, com destaque para agricultura de precisão, gestão eficiente da água, do solo e da biodiversidade, obtenção de certificações e referenciais de sustentabilidade agrícola, ensaios e projetos de I&D aplicados à resiliência climática e à redução de emissões, incluindo soluções de base natural.	Explorações agrícolas da Nutrifarms em Portugal, Espanha e Marrocos, incluindo olivais e amendoais, e outras áreas agrícolas relevantes do Grupo.	Curto a médio prazo.	Redução das emissões FLAG associadas à atividade agrícola, reforço da eficiência hídrica e da saúde do solo, maior resiliência das explorações face às alterações climáticas, proteção da biodiversidade e melhoria da rastreabilidade e robustez das práticas agrícolas.	Médio — distribuído entre exploração agrícola, monitorização, certificação, assistência técnica e projetos de inovação aplicada.	Em implementação e desenvolvimento contínuo — produção integrada, reconhecimento FSA Gold, certificação GLOBALG.A.P. no amendoal em Portugal
Eficiência energética	Otimização contínua de processos, modernização de equipamentos e componentes e outras medidas de redução e otimização de consumo energético.	Todas as unidades industriais e agrícolas	Curto a médio prazo.	Redução direta dos consumos energéticos e das emissões associadas a eletricidade, vapor e combustíveis; melhoria da eficiência operacional.	Médio – distribuído por várias unidades e diferentes escalas.	Em diferentes fases de implementação – concluídas, em curso e planeadas.
Eletricidade renovável	Expansão de centrais fotovoltaicas, contratos de eletricidade renovável (incluindo soluções PPA/offsite), aquisição de certificados verdes de eletricidade, instalação de sistemas de armazenamento de energia e outras soluções de fornecimento elétrico de menor intensidade carbónica.	Todas as unidades industriais e agrícolas	Curto a médio prazo.	Redução relevante das emissões de âmbito 2; reforço da autonomia energética e menor exposição à volatilidade dos preços da eletricidade	Médio a elevado – com investimento já realizado e novas expansões previstas.	Em implementação/ expansão contínua; em 2024 a Sovena já atingia 98% de eletricidade renovável a nível global.
Descarbonização térmica e combustíveis	Substituição progressiva de combustíveis fósseis, reforço e otimização do uso de biomassa, exploração de soluções de menor intensidade carbónica, incluindo, quando aplicável, caldeiras elétricas, baterias de calor, biometano, e outras intervenções relativas a energia térmica.	Almada, Andújar, Barreiro, Brenes e outras unidades com consumo térmico relevante.	Médio prazo.	Redução das emissões associadas a combustão estacionária e consumo térmico; alavanca crítica dada a materialidade do vapor, do calor e do gás natural no perfil energético.	Médio a elevado – dependente da solução técnica e da unidade.	Em diferentes fases de implementação – concluídas, em estudo, em desenvolvimento e planeadas.

Gestão energética, digitalização e sistemas de controlo	Implementação de sistemas de gestão de energia, monitorização digital de consumos, parametrização e melhoria do controlo operacional, deteção de desvios e apoio à melhoria contínua do desempenho energético.	Todas as unidades industriais e agrícolas.	Curto a médio prazo.	Redução indireta e sustentada de emissões, através da melhoria da gestão energética, do controlo operacional e da capacidade de decisão.	Baixo a médio – com forte efeito habilitador sobre outras medidas.	Em diferentes fases de implementação – articulado com o reforço da gestão energética, iniciativas de certificação, monitorização e digitalização operacional.
Mobilidade e frota	Renovação de frota, priorizando veículos híbridos e elétricos, instalação de carregadores elétricos nas diferentes unidades e implementação de medidas de eficiência associadas à mobilidade operacional.	Todas as geografias com frota própria.	Curto a médio prazo.	Redução das emissões de combustão móvel e modernização da frota.	Médio – dependente do ritmo de renovação.	Em diferentes fases de implementação – com medidas identificadas e calendarizadas.
Circularidade e otimização de gestão de resíduos e subprodutos	Otimização de consumos de materiais, integração de materiais reciclados, desenvolvimento de oportunidades de máxima valorização de subprodutos e resíduos, e outras iniciativas de circularidade	Todas as unidades industriais e agrícolas.	Médio prazo.	Redução de emissões, redução no consumo de materiais e reforço da circularidade industrial e agrícola.	Variável – dependente do projeto.	Em diferentes fases de implementação – com potencial de reforço no médio prazo.
Capacitação interna	Programas internos de formação e sensibilização em sustentabilidade e ESG, incluindo formação executiva para cargos de liderança, capacitação transversal e contínua das equipas	Transversal ao Grupo, com implementação em várias geografias e reforço da abrangência em 2025.	Curto a médio prazo.	Reforço da capacidade interna de execução do <i>roadmap</i> , maior alinhamento entre estratégia, operação e reporte, e melhoria da capacidade de decisão, monitorização e concretização das metas climáticas.	Baixo a médio – com forte efeito habilitador sobre outras medidas.	Em implementação – com plano anual de formação de abrangência global.

Em 2025, o *roadmap* operacional da Sovena continuou a traduzir-se na implementação de medidas concretas em várias unidades do Grupo, com incidência particular na eficiência energética, na eletricidade renovável, no reforço dos sistemas de gestão e controlo, na descarbonização térmica e da frota e na melhoria de processos associados à circularidade e valorização de subprodutos. Os destaques ilustram alguns dos principais avanços registados no ano, evidenciando a combinação entre medidas de redução direta, modernização operacional e transição do *mix* energético.

OPERAÇÕES PRÓPRIAS | Destaques 2025

 <p>FLAG (atividade agrícola)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Implementação de boas práticas agrícolas e de gestão eficiente da água, do solo e da biodiversidade nas explorações da Nutrifarms. • Avaliação Gold no Farm Sustainability Assessment (FSA), reconhecendo práticas agrícolas responsáveis nos pilares ambiental, social e económico. • Certificação GLOBALG.A.P. no amendoal em Portugal. • Implementação do Plano de Gestão de Valores Naturais (PGVN) e desenvolvimento de ensaios com o MAAVI Innovation Center. • Consolidação do projeto ClieNFarms, com foco em práticas de gestão sustentável do solo e valorização de subprodutos agrícolas. 	 <p>Eficiência energética</p> <ul style="list-style-type: none"> • Modernização de equipamentos e processos. • Novo compressor em Andújar, com redução de 113,4 MWh no período comparável. • Transição para tecnologia LED em Andújar, com redução anual de 58,2 MWh. • Em Monteolivo, substituição de uma linha de produção por uma linha de nova geração, com melhoria da eficiência energética e poupança estimada de 28 MWh/ano. • Na Colômbia, descontinuação do uso de compressores, com redução de 11% do consumo total de eletricidade da unidade face a 2024.
 <p>Eletricidade renovável</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expansão de centrais fotovoltaicas (Almada, Andújar, Centazzi e Nutrifarms). • Em Almada, operacionalização de contrato de compra de energia renovável de longa duração (PPA/UFP), permitindo o usufruto de 6.670 MWh/ano de eletricidade renovável. • Em Andújar, instalação de mais de 2.000 painéis solares fotovoltaicos, com produção anual estimada de 2 GWh. • Atingidos 98% de eletricidade renovável a nível global, com previsão de 100% em 2026. 	 <p>Descarbonização térmica e combustíveis</p> <ul style="list-style-type: none"> • Uso de biomassa em Brenes, Andújar e Lagar do Marmelo. • Em estudo o reforço da utilização de biomassa em Almada e Andújar. • No Barreiro, licenciamento de uma caldeira de alta pressão, com potencial estimado de redução de cerca de 7% no consumo energético. • No Barreiro, entrada em funcionamento de uma nova caldeira de vapor no final de 2025, com ganhos expectáveis de 6% no consumo de gás natural. • Continuidade da procura de alternativas ao fornecimento de vapor e de soluções energéticas de menor intensidade carbónica.
 <p>Gestão energética, digitalização e sistemas de controlo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Formalização da Política Energética do Grupo. • Implementação do SGE/EMS em Almada (parametrização e testes). • Em Almada, evolução prevista para soluções com monitorização em tempo real, com potencial de redução de cerca de 3,5% no consumo de vapor e 1.400 MWh/ano de eletricidade. • Obtenção da certificação ISO 50001 em Brenes, com expansão prevista para Almada e Andújar. • No Barreiro, continuação de projetos estruturantes de digitalização, incluindo Planeamento de Produção e Gestão da Produtividade. 	 <p>Mobilidade e frota</p> <ul style="list-style-type: none"> • Introdução de um veículo elétrico para a rota Brenes-Andújar, com redução estimada de 23 tCO₂e/ano. • Continuidade da renovação progressiva da frota e substituição de veículos mais intensivos em carbono. • Reforço da eficiência da mobilidade operacional e redução das emissões de combustão móvel.
 <p>Circularidade e otimização da gestão de resíduos e subprodutos</p> <ul style="list-style-type: none"> • Medidas de redução de perdas em várias unidades. • Em Plasencia, construção de nova unidade de fermentação com 200 fermentadores para melhorar a conservação da azeitona e prevenir perdas de salmoura. • Valorização de subprodutos nas operações, incluindo o uso de biomassa proveniente da atividade como combustível das caldeiras. • Continuidade de iniciativas de circularidade com impacto em eficiência de recursos e redução de resíduos. • Valorização do fruto do abacate fora de especificação na Colômbia, convertendo-o em matéria-prima de qualidade. 	 <p>Capacitação interna</p> <ul style="list-style-type: none"> • Mais de 170 líderes com formação executiva em ESG. • Formação estendida aos EUA, Colômbia e Brasil, com o objetivo de assegurar formação em sustentabilidade a 90% dos cargos de liderança. • Continuidade do plano anual de formação e reforço da capacitação interna para apoiar a execução do <i>roadmap</i>.

Parte das medidas previstas no *roadmap* de descarbonização, em particular nas frentes de eficiência e gestão energética, eletricidade renovável, bioenergia, sistemas de controlo e determinadas infraestruturas de apoio, pode também contribuir para o reforço progressivo da elegibilidade e/ou alinhamento de atividades económicas do Grupo com a Taxonomia da União Europeia, em linha com o reporte já desenvolvido.

Resumidamente, em conjunto, estas iniciativas mostram que a descarbonização das operações próprias da Sovena assenta numa combinação entre medidas de redução direta, reforço da eficiência e do controlo operacional, transição energética, melhoria das práticas agrícolas, circularidade e capacitação interna. Esta frente do *roadmap* é particularmente relevante para a redução das emissões operacionais do Grupo e para o reforço da resiliência e modernização das suas operações. Porém, dada a materialidade das emissões indiretas, a concretização da trajetória climática da Sovena depende também de uma atuação estruturada ao longo da cadeia de valor, apresentada no subcapítulo seguinte.

7.3. Cadeia de valor

A segunda frente do *roadmap* de descarbonização da Sovena incide sobre a cadeia de valor. Ao contrário das operações próprias, onde existe maior capacidade de intervenção direta sobre ativos e consumos, nesta frente a descarbonização depende sobretudo da capacidade da Sovena para influenciar práticas, reforçar critérios de *sourcing* e acompanhamento, aprofundar a monitorização da cadeia de abastecimento e desenvolver relações de parceria com fornecedores, clientes e outros *stakeholders* relevantes.

Estas medidas, sintetizadas na tabela seguinte, organizam-se em três grandes frentes: a componente FLAG, associada à atividade agrícola e ao uso do solo; a componente non-FLAG, que abrange outros fornecedores, nomeadamente logística e outras categorias materiais de âmbito 3, como o processamento e o fim de vida de produtos vendidos; e a capacitação e *engagement* externo, orientados para o reforço de competências, critérios e compromissos ao longo da cadeia de valor. Em conjunto, estas vertentes procuram responder aos principais *drivers* das emissões indiretas do Grupo, reforçando simultaneamente a resiliência da cadeia de abastecimento, a rastreabilidade, a qualidade da informação e a capacidade de concretização das metas climáticas ao longo do tempo.

Esta atuação deverá ser progressivamente concretizada através do reforço da recolha de dados primários ou específicos de produto e instalação, de programas de capacitação técnica, da integração de critérios climáticos nos processos de qualificação e acompanhamento de fornecedores e clientes, do desenvolvimento de soluções de produtos e serviços com menor intensidade carbónica e do aprofundamento da atuação sobre categorias materiais relevantes da cadeia de valor.




Roadmap de descarbonização – Cadeia de valor

ALAVANCA DE DESCARBONIZAÇÃO	TIPOLOGIA DE INICIATIVAS	PRINCIPAIS STAKEHOLDERS/ ÂMBITO	HORIZONTE TEMPORAL	IMPACTO ESPERADO	INVESTIMENTO/ ESFORÇO DE IMPLEMENTAÇÃO	ESTADO DE IMPLEMENTAÇÃO
FLAG (atividade agrícola)	Aplicação da Política de Compras Sustentáveis e do Código de Conduta para Fornecedores (incluindo o Suplemento para Fornecedores de Produtos Agrícolas), monitorização de fornecedores agrícolas e matérias-primas através do Programa de Monitorização ESG de Fornecedores, promoção de práticas agrícolas mais sustentáveis, integração progressiva de critérios climáticos na homologação de fornecedores, segmentação e diversificação de fornecedores prioritários e articulação com parceiros estratégicos da cadeia de abastecimento, e desenvolvimento de outras abordagens alinhadas com a componente FLAG.	Equipas de <i>sourcing</i> , Produtores, fornecedores agrícolas, cadeias de fornecimento ligadas à agricultura e uso do solo (FLAG).	Médio prazo.	Redução das emissões associadas à terra, floresta e agricultura (FLAG); reforço da resiliência e diversificação da base de abastecimento agrícola; alinhamento entre perfil emissor, metas FLAG e práticas agrícolas.	Médio a elevado — dependente da natureza das matérias-primas, da geografia e do nível de maturidade da cadeia agrícola.	Em desenvolvimento progressivo — com relevância estratégica crescente no âmbito da trajetória climática, da componente FLAG e da robustez da base de abastecimento agrícola.
Non-FLAG (outros fornecedores e outras categorias de âmbito 3)	Aplicação da Política de Compras Sustentáveis e do Código de Conduta para Fornecedores, monitorização de fornecedores de produtos e serviços através do Programa de Monitorização ESG de Fornecedores, integração progressiva de critérios climáticos na homologação de fornecedores, segmentação e diversificação de fornecedores prioritários e articulação com parceiros estratégicos da cadeia de abastecimento, desenvolvimento de soluções conjuntas com menor pegada carbónica, reforço da rastreabilidade,	Equipas de compras, fornecedores e outros parceiros associados à categoria 1 do âmbito 3 (non-FLAG)	Curto a médio prazo.	Redução indireta das emissões associadas à aquisição de bens e serviços; reforço da resiliência e diversificação do abastecimento; melhoria da qualidade da informação e da capacidade de influência sobre a cadeia de valor non-FLAG.	Médio — dependente da maturidade dos fornecedores, da recolha de dados e da capacidade de acompanhamento.	Em diferentes fases de implementação — com monitorização já em curso e reforço progressivo dos critérios de acompanhamento, relacionamento e priorização de fornecedores.

	<p>Aprofundamento da atuação sobre categorias materiais do âmbito 3, incluindo transporte e distribuição, processamento e fim de vida de produtos vendidos, com foco nas áreas mais relevantes para o perfil emissor da Sovena e na melhoria progressiva da informação disponível sobre essas categorias.</p>	<p>Operadores logísticos, clientes e outros parceiros relevantes associados às categorias materiais do âmbito 3 (non-FLAG).</p>	<p>Médio prazo.</p>	<p>Redução indireta das emissões associadas ao transporte, distribuição, processamento, fim de vida dos produtos vendidos e outras categorias de âmbito 3; reforço da coerência com as metas non-FLAG.</p>	<p>Médio — dependente da disponibilidade de dados, da articulação com parceiros externos e da capacidade de intervenção nas categorias materiais.</p>	<p>Em consolidação — com necessidade de aprofundamento progressivo da granularidade da informação e da intervenção sobre as categorias prioritárias.</p>
<p>Capacitação e <i>engagement</i> externo</p>	<p>Programa de Capacitação de Fornecedores, capacitação de clientes e outros parceiros relevantes da cadeia de valor.</p>	<p>Fornecedores, clientes e outros <i>stakeholders</i> relevantes.</p>	<p>Curto a médio prazo.</p>	<p>Desenvolvimento de competências para integração dos objetivos climáticos nas decisões operacionais e de negócio, reforço da capacidade de execução do <i>roadmap</i>, melhoria do alinhamento externo e maior probabilidade de concretização das metas climáticas da cadeia de valor.</p>	<p>Baixo a médio — com forte efeito habilitador sobre outras medidas.</p>	<p>Em diferentes fases de implementação — com ações já desenvolvidas e potencial de reforço e foco nos próximos ciclos.</p>

Em 2025, a frente da cadeia de valor do *roadmap* de descarbonização da Sovena continuou a traduzir-se em iniciativas concretas de monitorização, capacitação e reforço de critérios de sustentabilidade ao longo das relações comerciais. Em particular, registaram-se avanços no acompanhamento ESG de fornecedores, na aplicação progressiva da [Política de Compras Sustentáveis](#) e do [Código de Conduta para Fornecedores](#), no reforço da rastreabilidade e no aprofundamento de mecanismos de *engagement* com *stakeholders* relevantes da cadeia de valor.

CADEIA DE VALOR | Destaques 2025

 <p>FLAG (atividade agrícola)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Promoção de práticas agrícolas mais sustentáveis junto da base de abastecimento, com foco em gestão do solo, redução de emissões e maior resiliência da componente agrícola. • Aprofundamento da articulação com fornecedores agrícolas no âmbito da trajetória FLAG e do reforço da robustez da base de abastecimento. • Desenvolvimento, com a Consulai, do Programa NZero, de modo a criar um modelo de incentivo e reconhecimento de boas práticas agrícolas junto de fornecedores de azeite, com a definição de critérios técnicos e categorização de diferentes práticas para enquadrar a evolução dos fornecedores agrícolas e construção de um sistema de bonificação associado ao grau de implementação, progresso e permanência no programa. 	 <p>Capacitação e <i>engagement</i> externo</p> <ul style="list-style-type: none"> • O Programa de Capacitação de Fornecedores envolveu mais de 1 200 parceiros e aumentou em 40% a participação em formação ESG. • Em 2025, foram realizados 30 encontros, triplicando o número inicialmente previsto de fornecedores envolvidos. • Realização do Encontro de Sustentabilidade no Lagar do Marmelo, dirigido aos 50 fornecedores melhor classificados no Programa de Monitorização, com foco em evolução legislativa e implicações práticas para a cadeia de valor. • Continuidade das ações de capacitação em temas específicos, incluindo palestras sobre MOSH/MOAH e métodos de prevenção, com 322 participantes em Espanha. • Realização de evento anual no arranque da campanha para debater tendências de mercado, perspetivas e práticas sustentáveis, incluindo partilha de iniciativas implementadas na Nutrifarms.
 <p>Non-FLAG (outros fornecedores)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Publicação da Política de Compras Sustentáveis e do Código de Conduta para Fornecedores, reforçando critérios ESG na aquisição de bens e serviços, seleção e homologação de fornecedores. • Reforço do Programa de Monitorização de Fornecedores, com um universo quatro vezes superior ao de 2024 e 60% dos principais fornecedores já avaliados com critérios ESG. • Em 2025, o programa avançou para a sua segunda fase, atingindo 191 fornecedores no total acumulado, com 175 respostas e 91% de taxa de resposta no ano. • Reforço da rastreabilidade, segmentação e acompanhamento de fornecedores e parceiros estratégicos da cadeia de abastecimento. 	<p>Non-FLAG (outras categorias de âmbito 3)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprofundamento progressivo da leitura sobre categorias materiais de âmbito 3, incluindo transporte e distribuição, processamento e fim de vida de produtos vendidos, com foco nas áreas mais relevantes para o perfil emissor da Sovena. • Continuidade do esforço de melhoria da granularidade e qualidade da informação disponível para categorias materiais non-FLAG de âmbito 3, suportando a priorização das áreas mais relevantes. • Reforço da atuação sobre a cadeia de valor em linha com a evolução do inventário e das metas non-FLAG, procurando maior coerência entre monitorização, priorização e capacidade de intervenção futura.

A Sovena reforçou a atuação sobre a componente agrícola e o *sourcing* de matérias-primas, em linha com a trajetória FLAG do perfil emissor do Grupo. Ao mesmo tempo, aprofundou a leitura e priorização de outras categorias materiais de âmbito 3, incluindo transporte e distribuição, processamento e fim de vida dos produtos vendidos, e reforçou a capacitação e o *engagement* com fornecedores, clientes e outros parceiros da cadeia de valor. Esta evolução é particularmente relevante num contexto em que a trajetória climática da Sovena depende não apenas da redução das emissões operacionais, mas também da capacidade de influenciar práticas, melhorar a qualidade da informação e reforçar a resiliência da cadeia de valor.

7.4. Monitorização, revisão e atualização do *roadmap* de descarbonização

O *roadmap* de descarbonização da Sovena é um instrumento dinâmico, sujeito a monitorização, revisão técnica e atualização contínua, assente no acompanhamento regular das medidas, emissões e indicadores energéticos e operacionais, bem como na revisão do alinhamento com metas climáticas, riscos, oportunidades e contexto regulatório e de mercado, permitindo ajustar prioridades e garantir coerência com a trajetória de descarbonização e as crescentes exigências de gestão e transparência climática.

8. DESAFIOS, DEPENDÊNCIAS, PRESSUPOSTOS E PRÓXIMOS PASSOS

A implementação do PTC da Sovena depende não apenas da definição de metas e medidas, mas também da capacidade de assegurar condições de execução consistentes ao longo do tempo. A concretização da trajetória climática do Grupo exige uma articulação contínua entre dados, governança, investimento, capacidade operacional e envolvimento da cadeia de valor, num contexto em que persistem incertezas metodológicas, regulatórias, tecnológicas e de mercado. Neste sentido, importa reconhecer os principais desafios, dependências e pressupostos subjacentes ao plano, bem como as áreas que exigirão reforço progressivo nos próximos ciclos de implementação e reporte.

8.1. Principais desafios e dependências de implementação

A concretização do PTC da Sovena enfrenta um conjunto de desafios estruturais que condicionam o ritmo e a profundidade da sua implementação. Estes desafios relacionam-se com a maturidade da informação disponível, a capacidade de mobilização da cadeia de valor, a viabilidade técnica e económica das soluções e a evolução contínua do enquadramento regulatório e metodológico.



Estes desafios não invalidam a execução do plano, mas condicionam a celeridade da sua concretização e reforçam a importância de uma abordagem progressiva, colaborativa e sujeita a revisão contínua.

8.2. Pressupostos subjacentes ao PTC

O presente PTC assenta num conjunto de pressupostos que enquadram a sua leitura e implementação. Parte-se do princípio de que o inventário de emissões continuará a ser atualizado e refinado periodicamente, com melhoria progressiva da qualidade e granularidade dos dados, em especial nas categorias materiais do âmbito 3 e nas componentes FLAG e non-FLAG. Assume-se igualmente a continuidade da trajetória de reforço da eficiência energética, eletrificação, consumo e produção de eletricidade renovável, modernização industrial, gestão energética nas operações próprias e capacitação interna, bem como o aprofundamento progressivo das medidas na cadeia de valor, em particular na componente agrícola (FLAG), nos restantes fornecedores e categorias materiais de âmbito 3 (non-FLAG) e na capacitação e *engagement* externo.

O plano pressupõe ainda a manutenção de um quadro de governança climática ativo, com capacidade de coordenação, acompanhamento e revisão, assegurando articulação entre estratégia, metas, *roadmap* e reporte. Parte-se também do pressuposto de que a Sovena continuará a rever periodicamente a adequação das medidas face à evolução do contexto regulatório, das exigências do mercado, das metodologias aplicáveis e das condições operacionais e tecnológicas.

Por último, reconhece-se que a concretização integral da trajetória climática dependerá, em parte, da resposta de terceiros e do contexto externo, incluindo a evolução dos mercados energéticos, a disponibilidade de soluções de baixo carbono, a maturidade da cadeia de abastecimento e a capacidade dos diferentes intervenientes em acompanhar o ritmo de transformação requerido.

8.3. Próximos passos

Nos próximos anos, a Sovena deverá continuar a executar o seu PTC, consolidando progressivamente o *roadmap* e reforçando as áreas prioritárias de maturidade climática anteriormente identificadas. Neste contexto, os próximos passos do Grupo passam pelas seguintes prioridades:

- Continuar a robustecer instrumentos e práticas de gestão climática, nomeadamente nas áreas da análise de cenários, quantificação financeira, integração dos temas climáticos nos processos de decisão e evolução de mecanismos internos de acompanhamento e priorização, e associação do desempenho climático a mecanismos formais de remuneração.
- Continuar a reforçar o inventário de emissões de GEE e o respetivo acompanhamento anual, robustecendo a qualidade e a granularidade da informação;
- Reforçar a articulação entre metas, governança, *roadmap* e reporte, acompanhando a evolução metodológica e regulatória aplicável;
- Avançar progressivamente na mobilização da cadeia de valor, aprofundando programas de monitorização, capacitação, envolvimento e colaboração com fornecedores, produtores, parceiros logísticos e restantes *stakeholders* relevantes; e

Em paralelo, a Sovena deverá continuar a aprofundar a articulação entre o PTC, o reporte climático e o enquadramento da Taxonomia da União Europeia, reforçando progressivamente a robustez dos dados e da avaliação dos critérios técnicos aplicáveis, das salvaguardas mínimas e das condições de alinhamento das atividades elegíveis.

Em síntese, o PTC deve ser entendido como um instrumento dinâmico, sujeito a monitorização, revisão e atualização periódica, cuja robustez dependerá da capacidade do Grupo para transformar os desafios e áreas de reforço identificadas em alavancas de execução, resiliência e criação de valor.

ANEXOS TÉCNICOS

ANEXO 1 | METODOLOGIA DO INVENTÁRIO DE EMISSÕES DE GEE

O inventário de emissões de gases com efeito de estufa (GEE) da Sovena constitui a base técnica de quantificação do perfil carbónico do Grupo e suporta a definição de metas, prioridades de descarbonização e instrumentos de monitorização do Plano de Transição Climática.

Referencial metodológico

A elaboração do inventário segue os principais referenciais internacionais aplicáveis, nomeadamente o GHG Protocol, as orientações do IPCC e a ISO 14064, respeitando os princípios de relevância, completude, consistência, transparência e exatidão. De forma geral, as emissões são calculadas a partir da multiplicação de dados de atividade por fatores de emissão, privilegiando, sempre que possível, fatores representativos da realidade geográfica e setorial em análise, nomeadamente fatores nacionais. Para esse efeito, foram utilizadas, consoante a categoria, fontes como inventários nacionais de emissões (NIR de Portugal, Espanha e Estados Unidos), IPCC, DEFRA (Reino Unido), EPA (Estados Unidos) e AGRIBalyse. Em conformidade com o Protocolo de Quioto, os valores adotados para o potencial de aquecimento global (PAG) são os estabelecidos no 'IPCC Fifth Assessment Report: Climate Change 2013/14 (AR5)', para um horizonte de 100 anos.

Limites organizacionais e operacionais

Para a definição da fronteira organizacional, a Sovena adota a abordagem de controlo operacional, considerando as emissões associadas às instalações e atividades sobre as quais exerce esse controlo. O perímetro do inventário abrange unidades industriais, unidades não industriais, lagares e atividades agrícolas relevantes para o Grupo, incluindo operações em Portugal, Espanha, Estados Unidos, Tunísia, Angola, Colômbia, Brasil e Itália, bem como as atividades agrícolas da Nutrifarms. No caso da Agropro, embora a participação societária seja parcial, o inventário considera 100% das emissões por existir controlo operacional.

Âmbitos e categorias consideradas

Em conformidade com o GHG Protocol, o inventário classifica as emissões em âmbito 1, âmbito 2 e âmbito 3, incluindo ainda reporte separado de emissões biogénicas e de sumidouro de carbono. As principais fontes e categorias consideradas são sintetizadas na tabela seguinte.

ÂMBITO	PRINCIPAIS FONTES DE EMISSÃO/CATEGORIAS INCLUÍDAS
Âmbito 1	Combustão estacionária e móvel, emissões fugitivas, tratamento de águas residuais, aplicação de fertilizantes e alterações de uso do solo.
Âmbito 2	Eletricidade adquirida; vapor e calor adquiridos.
Âmbito 3	C1. Bens e serviços adquiridos; C2. Bens de capital; C3. Outras atividades relacionadas com energia não incluídas nos âmbitos 1 e 2; C4. Transporte a montante; C5. Resíduos gerados nas operações; C6. Viagens de negócio; C7. Deslocações pendulares; C8. Ativos arrendados a montante; C9. Transporte a jusante; C10. Processamento de produtos vendidos; C12. Fim de vida dos produtos vendidos; C13. Ativos arrendados a jusante; C15. Investimentos.
Reporte separado	Emissões biogénicas associadas a biocombustíveis; sumidouro de carbono.

CrITÉRIOS metodológicos específicos

Ao nível metodológico, o âmbito 2 foi calculado segundo as abordagens *market-based* e *location-based*. No âmbito 3, foram combinadas abordagens baseadas em dados físicos e dados monetários, consoante a disponibilidade e a qualidade da informação. Para bens agrícolas e matérias-primas relevantes, as emissões foram desagregadas entre FLAG e non-FLAG, refletindo a relevância da componente agrícola e do uso do solo para a Sovena. A metodologia distingue ainda, sempre que aplicável, as emissões fósseis, as emissões biogénicas e a componente de sequestro associada às atividades agrícolas e

florestais do Grupo. O cálculo do sumidouro baseou-se em metodologias e referências específicas para olival e montado de sobro.

Limitações e melhoria contínua

Embora o inventário tenha evoluído significativamente em cobertura e robustez, subsistem limitações inerentes à granularidade e disponibilidade de alguns dados, em especial em certas geografias e categorias indiretas da cadeia de valor. Em vários casos, foi necessário recorrer a pressupostos operacionais e abordagens monetárias. Entre as principais áreas de melhoria destacam-se o reforço do uso de dados primários, o aperfeiçoamento da classificação de compras, vendas e bens de capital, o aprofundamento de informação sobre ativos arrendados e processamento de produtos vendidos, e o reforço da base metodológica para cálculo de remoções.

ANEXO 2. CRITÉRIOS DE RECÁLCULO E REVISÃO DO INVENTÁRIO DE EMISSÕES DE GEE E DAS METAS CLIMÁTICAS

Todas as metas climáticas da Sovena assentam na mesma fronteira de controlo operacional definida no inventário de emissões de GEE, assegurando consistência e comparabilidade ao longo do tempo.

A política de recálculo de metas e emissões segue as diretrizes do GHG Protocol e os critérios da SBTi, identificando as circunstâncias em que o ano de referência deve ser recalculado. Estas incluem, nomeadamente, alterações estruturais relevantes, como fusões, aquisições ou alterações nos limites operacionais, erros significativos identificados, alterações metodológicas ou outras alterações com impacto material no perfil emissor do Grupo.

Relativamente ao limiar de significância, a Sovena considera que o recálculo deve ocorrer sempre que se verifique uma alteração igual ou superior a 5% das emissões totais, em conformidade com os critérios da SBTi. Este limiar procura assegurar a integridade e a comparabilidade dos dados, concentrando os recálculos em alterações materialmente relevantes.

As metas climáticas da Sovena serão revistas, no máximo, a cada cinco anos, ou sempre que ocorram alterações relevantes no inventário de emissões de GEE, no perímetro operacional ou nas metodologias aplicadas. Esta revisão periódica visa assegurar a manutenção da relevância, ambição e consistência da trajetória climática do Grupo, em alinhamento com os principais referenciais aplicáveis, nomeadamente ESRS E1, CDP, TCFD e SBTi.

ANEXO 3 – TABELA DE CORRESPONDÊNCIA COM O ESRS E1 – ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

A presente tabela foi preparada com base no ESRS E1 atualmente em vigor, adotado em 2023, considerando, quando aplicável, os ajustamentos transitórios introduzidos pelo *quick fix* aprovado em 2025. Atendendo ao processo de revisão dos ESRS em curso no contexto do pacote Omnibus, esta correspondência poderá ser revista em futuras atualizações do PTC, após a adoção definitiva do ato delegado revisto.

REQUISITO ESRS E1	CONTEÚDO REQUERIDO	LOCALIZAÇÃO NO PTC	OBSERVAÇÕES
E1-1	Plano de transição para mitigação das alterações climáticas.	Cap. 1 a 8 Plano de Transição Climática.	Coberto.
E1-2	Políticas relacionadas com mitigação e adaptação climática.	Cap. 3.5 Políticas relacionadas com clima; Cap. 7 <i>Roadmap</i> de descarbonização.	Coberto.
E1-3	Ações e recursos relacionados com clima.	Cap. 7.1 a 7.4 <i>Roadmap</i> de descarbonização.	Coberto.
E1-4	Metas climáticas.	Cap. 6.1 a 6.3 Metas climáticas e trajetória.	Coberto.
E1-5	Consumo de energia e <i>mix</i> energético.	Cap. 4.5 Consumo de energia e <i>mix</i> energético; Cap. 7.2 Medidas nas operações próprias.	Coberto.
E1-6	Emissões brutas de GEE dos âmbitos 1, 2 e 3 e emissões totais.	Cap. 4.2 Perfil de emissões de GEE; Anexo 1 Metodologia do inventário de emissões de GEE.	Coberto.
	Desagregação relevante das emissões (incluindo FLAG/non-FLAG, emissões biogénicas e sumidouro, quando aplicável).	Cap. 4.4 Emissões FLAG, emissões biogénicas e sumidouro; Anexo 1 Metodologia do inventário de emissões de GEE.	Coberto.
E1-7	Remoções de GEE e projetos de mitigação financiados através de créditos de carbono.	Cap. 8.3 Áreas prioritárias de reforço da maturidade climática.	Parcialmente coberto — o PTC clarifica que a Sovena não utiliza créditos de carbono nem recorre a projetos de remoção com fins de neutralização.
E1-8	Preço de carbono interno.	Cap. 8.3 Áreas prioritárias de reforço da maturidade climática.	Parcialmente coberto — o PTC clarifica que a Sovena não adota preço interno de carbono à data.
E1-9	Potenciais efeitos financeiros de riscos físicos e de transição e de oportunidades climáticas.	Cap. 5.2 e 5.3 Riscos físicos, de transição e oportunidades climáticas; integração na gestão; Cap. 8.3 Áreas prioritárias de reforço da maturidade climática.	Parcialmente coberto — identificação e avaliação qualitativa realizada; quantificação financeira ainda em maturação.
GOV-1/GOV-3 (relação com E1)	Papel dos órgãos de administração, gestão e supervisão nas matérias climáticas.	Cap. 3.1 a 3.6 Governança e modelo de gestão climática.	Coberto.
IRO-1/SBM-3 (relação com E1)	Integração dos impactos, riscos e oportunidades climáticos na estratégia e modelo de negócio.	Cap. 2.1 a 2.5 O caminho da Sovena na transição climática; Cap. 5.1 a 5.3 Análise de riscos e oportunidades climáticas.	Coberto.
MDR/ligação transversal ao E1	Metodologia, métricas, metas, acompanhamento e revisão.	Cap. 4 Inventário e perfil de emissões de GEE; Cap. 6 Metas climáticas e trajetória; Cap. 7.4 Monitorização, revisão e atualização do <i>roadmap</i> de descarbonização; Cap. 8.2 a 8.4 Pressupostos, áreas prioritárias e próximos passos; Anexo 1 ; Anexo 2 .	Coberto.

A tabela supra tem por objetivo facilitar a leitura do alinhamento entre o PTC da Sovena e os requisitos de divulgação do ESRS E1. Não substitui a análise detalhada de reporte de sustentabilidade do Grupo, podendo ser revista em função da evolução regulatória aplicável e da maturidade futura dos processos de reporte climático.

ANEXO 4 – GLOSSÁRIO

TERMO	DEFINIÇÃO
Âmbito 1	Emissões diretas de GEE provenientes de fontes que são detidas ou controladas pela organização.
Âmbito 2	Emissões indiretas de GEE associadas à eletricidade, vapor, calor ou frio adquiridos pela organização.
Âmbito 3	Restantes emissões indiretas de GEE associadas à cadeia de valor da organização (montante e jusante).
Cenários climáticos	Representações plausíveis de diferentes trajetórias futuras de evolução climática e de transição, utilizadas para apoiar a análise de resiliência, risco e adaptação da organização.
Controlo operacional	Abordagem de consolidação segundo a qual a organização reporta as emissões das atividades e instalações sobre as quais exerce controlo operacional.
Créditos de carbono	Unidades transacionáveis que representam reduções ou remoções de emissões verificadas, utilizadas em determinados contextos, para compensação de emissões.
Dupla materialidade	Abordagem que avalia simultaneamente a relevância dos impactos da organização sobre o ambiente e a sociedade e a relevância financeira dos temas de sustentabilidade para o negócio.
Emissões biogénicas	Emissões resultantes da combustão ou decomposição de biomassa ou biocombustíveis, reportadas separadamente das emissões fósseis.
FLAG	Emissões associadas à floresta, uso do solo e agricultura, incluindo, quando aplicável, componentes relacionadas com produção agrícola, fertilização e alteração de uso do solo.
<i>Location-based / Market-based</i>	<i>Location-based</i> : método de cálculo das emissões de âmbito 2 baseado no fator médio da rede elétrica da geografia onde o consumo ocorre. <i>Market-based</i> : método de cálculo das emissões de âmbito 2 que reflete as características contratuais da eletricidade adquirida, incluindo tarifas verdes, certificados ou instrumentos equivalentes
non-FLAG	Emissões não abrangidas pela componente FLAG, incluindo fontes energéticas, industriais, logísticas e outras categorias indiretas não diretamente associadas a floresta, uso do solo e agricultura.
Neutralidade carbónica	Situação em que as emissões remanescentes são equilibradas por remoções ou compensações, de acordo com critérios e metodologias aplicáveis.
Oportunidade climática	Potencial benefício estratégico, operacional ou financeiro associado à resposta às alterações climáticas, incluindo eficiência, inovação, transição energética e reforço da resiliência.
PPA	Power Purchase Agreement; contrato de aquisição de eletricidade, geralmente de longo prazo, associado ao fornecimento de energia renovável.
Preço interno de carbono	Instrumento interno de gestão que atribui um valor económico às emissões de carbono para apoiar decisões de investimento, priorização ou gestão operacional.
Remoções de GEE	Processos ou atividades que removem GEE da atmosfera e os armazenam de forma duradoura em sistemas biológicos, geológicos ou tecnológicos.
Risco físico	Risco associado aos efeitos físicos das alterações climáticas, incluindo eventos extremos e alterações crónicas, com impacto potencial nas operações, ativos, recursos naturais ou cadeia de valor.
Risco de transição	Risco associado ao processo de transição para uma economia de baixo carbono, incluindo alterações regulatórias, tecnológicas, de mercado e de reputação.
<i>Roadmap de descarbonização</i>	Estrutura de medidas, prioridades e alavancas de implementação que traduz a ambição climática da organização em ações concretas ao longo do tempo.
<i>Sourcing</i>	Processo de seleção, aquisição e gestão de bens ou serviços ao longo da cadeia de abastecimento.
<i>Stakeholder engagement</i>	Processo de envolvimento, diálogo e interação com partes interessadas relevantes, com vista à integração das suas perspetivas e ao reforço da execução de objetivos estratégicos ou climáticos.
Sumidouro de carbono	Capacidade de determinados sistemas naturais, como solos ou biomassa vegetal, para remover dióxido de carbono da atmosfera e o armazenar.